



De volta aos pampas: Rodrigo Tavares e a nova voz do Sul brasileiro

Tavares, R. (2020). *Ainda que a terra se abra*. Porto Alegre, RS: Taverna. 160 p. ISBN 9786599103704

Dafne Rosa

Universidade São Judas Tadeu, Av. Vital Brasil, 1000, 05503-001, São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: dafne.rosa@yahoo.com.br

Received on March 22, 2021.

Accepted on April 14, 2021.

Rodrigo Tavares é um autor contemporâneo, cuja obra regionalista resgata na literatura brasileira os pampas de Érico Veríssimo. Nascido em Bagé e idealizador do festival literário da cidade – FestFronteira –, Tavares apresenta em sua escrita as campinas não só na paisagem descrita e delineada em suas novelas, mas também nos tipos gaúchos e catarinenses escolhidos para protagonizá-las.

Em sua mais recente publicação, *Ainda que a terra se abra* (Tavares, 2020), Tavares apresenta Martín ao público, um professor de Direito em Brasília, que precisa retornar para sua cidade natal, a pequena São Francisco do Sul, para o velório do pai. Com uma narrativa que evoca o retorno do herói ao lar, após uma longa trajetória, a novela, de leitura rápida e envolvente, aprofunda os conflitos provocados pelo reencontro daqueles por tanto tempo separados, por meio da constante presença da memória afetiva.

No prólogo o leitor é apresentado a Martín por meio da revelação de um trauma carregado pelo personagem desde a infância: o acidente de carro responsável pela morte da mãe no dia do seu aniversário de oito anos. O primeiro parágrafo do livro entrega ao leitor uma imagem muito verossímil, cuja principal função é indicar o comprometimento emocional e psicológico do protagonista a quem somos apresentados e a quem somos convidados a acompanhar.

A ação do prólogo, escrita *in medias res*, se instaura por meio da lembrança dos acontecimentos e do fluxo de consciência de Martín, estratégia narrativa empregada ao longo dos próximos 22 capítulos cuja força e constância enriquecem o texto, deixando claras marcas da redescoberta de si e dos outros feitas por aquele que, ao se deparar com a obrigação moral de retornar ao lar, sabe que não conseguirá mais se esconder do peso do passado.

Quase como uma anáfora, os verbos ‘lembrar’ e ‘reconhecer’ marcam o ritmo psicológico do personagem, o qual ora se perde em memórias da infância e adolescência, ora não se sente parte do ambiente e da família da qual é descendente. As imagens construídas por meio desse processo de recordação fragmentado e muitas vezes doloroso inundam o texto de um lirismo comedido muito coerente com a situação vivenciada pelo protagonista e com a sutileza dos sentimentos que ele deixa transparecer.

O narrador onisciente, fundamental no desvelar dos conflitos íntimos de Martín, parece ser parte da criação de Tavares, já que na sua mais conhecida novela, *Andarilhos* (Tavares, 2017), o foco narrativo também é o responsável por transparecer a autenticidade de sua voz.

O diálogo entre *Ainda que a terra se abra* e *Andarilhos* acontece também no capítulo 11, momento em que Bibiana – irmã do protagonista – faz a doma índia, técnica que a moça diz ter aprendido em uma cabanha no Uruguai com a intenção de fazer a aproximação e tirar os medos, pois na região Sul brasileira os homens ainda têm medo de cavalos desbocados (Tavares, 2020). A associação entre a habilidade de Bibiana com a desenvolvida por Pedro Guarany – protagonista de *Andarilhos* (Tavares, 2017) – é inevitável, pois a beleza da descrição dos movimentos dos dois personagens se sobrepõe na memória do leitor assíduo de Tavares, os quais têm a oportunidade de contemplar não só a relação dos domadores com seus cavalos, como também a admiração de personagens secundários às tramas que se desarmam do machismo e de outros preconceitos tão enraizados na cultura local.

Bibiana, cujo nome homenageia *O tempo e o vento* (Veríssimo, 2013), é o contraponto de Martín. Apegada a suas raízes, a personagem demonstra ter a força e a maturidade emocional que faltam ao irmão. Vítima de

um trauma intenso e violento, sua determinação em resolver a questão, seguindo a tradição e as decisões do pai, a tornam a verdadeira herdeira e sucessora de Aramis.

O legado do pai ainda se intensifica quando Bibiana, após uma conversa reveladora, remexe suas próprias feridas e as do irmão, resgatando Martín de outra possível fuga. Em um momento de clímax tênue, a descoberta de Martín não impacta nem surpreende o leitor, mas soluciona as principais angústias do protagonista que pode se reconciliar com o passado.

Durante a narrativa, Martín não esconde sua admiração com as mudanças que ocorreram no Sul, nos oito anos em que ficou longe. As descrições feitas pelo narrador são muito bem entrelaçadas aos acontecimentos e ao andamento natural do enredo, só não passando despercebidas por conta do estranhamento causado no próprio protagonista.

A seca, o reflorestamento, a insegurança e a tentativa de cultivar oliveiras são alguns dos temas que demarcam as mudanças contrastantes com a cultura de raízes fortes e sólidas com a qual Martín volta a conviver. A cena de descrição da carneada (no capítulo 13), vista pelo narrador não só como um ritual, mas também quase como uma coreografia de ritmo delicadamente sincronizado é um dos momentos em que a cultura sulista arraigada na rotina dos familiares de Martín também se mostra fixa em suas lembranças.

O retrato híbrido da pequena cidade sulista – ora arcaico, ora tentando se modernizar – faz um paralelo interessante com o protagonista, pois a terra natal apresenta um reflexo de Martín, também dividido entre as mesmas forças, completando a impressão que nós temos dele e aprofundando e intensificando o pertencimento àquelas terras, das quais ele tenta se desvencilhar sem sucesso. Essa harmonia entre o psicológico de Martín e a caracterização de São Francisco do Sul reforça o diálogo entre a novela de Tavares e a jornada de retorno para casa feitas por heróis da Antiguidade Clássica – comentada por Gabriela Silva no posfácio da obra –, porém a trajetória de Martín evoca outras reflexões: trata-se da reconstituição das memórias e da reconciliação do protagonista consigo mesmo.

A linguagem do Sul, mesclada de sotaque e de influências da língua espanhola falada na fronteira, é outro aspecto da narrativa que foi muito bem construído pelo autor. A verossimilhança das construções linguísticas permite que o contato do leitor com o estranhamento causado pelo retorno do protagonista, que se tornou um forasteiro em sua própria casa, seja mais vívido e tenha traços sinestésicos peculiares que intensificam o estilo único do autor.

De todas as formas que pode ser apreciada, *Ainda que a terra se abra* (Tavares, 2020) demonstra sua qualidade literária. Apesar de não sobrepor o papel de destaque de *Andarilhos* (2017) na obra de Rodrigo Tavares, as possibilidades interpretativas que ela evoca e sustenta fixam o nome de autor na literatura brasileira contemporânea regionalista e, certamente, fideliza leitores. No entanto, a brevidade do enredo e o desfecho em aberto fazem surgir o questionamento sobre quando Tavares nos surpreenderá com um romance.

O apelo por uma narrativa de maior fôlego é evidência do espaço importante que Tavares ocupa na literatura brasileira, pois as regiões de fronteira no sul do Brasil representam um território vasto que merece ser explorado e transportado para a ficção. Em outras palavras, o que se pede de Tavares é que ele potencialize sua voz e que faça dos versos do primeiro canto do poema épico *O gaúcho Martín Fierro*, de José Hernández, com o qual *Ainda que a terra se abra* (Tavares, 2020) dialoga, sua grande inspiração:

Não se prenda minha língua
E nem me falte a palavra:
Minha glória o canto lavra
E, se me ponho a cantar,
Cantando me hão de encontrar
Ainda que a terra se abra ¹
(Hernández, 1872. p. 3, tradução nossa)

Referência

- Hernández, J. (1872). *El gaúcho Martín Fierro*. Recuperado de https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/hernandez_jose_-_el_gaoucho_martin_fierro.pdf
- Tavares, R. (2017). *Andarilhos*. Porto Alegre, RS: Martins Livreiro.
- Tavares, R. (2020). *Ainda que a terra se abra*. Porto Alegre, RS: Taverna.
- Veríssimo, E. (2013). *O tempo e o vento: o continente*, São Paulo, SP: Companhia das Letras.

¹ Que no se trabe mi lengua/ ni me falte la palabra;/ el cantar mi gloria labra/ y, poniéndome a cantar./ cantando me han de encontrar/ aunque la tierra se abra.